

Camacari

18 NOV 1987 18 NOV 1987 JORNAL DO BRASIL

Quadro, giz e cuspe

Teixeira Heizer

Há um intrincado teorema, urdido há algum tempo, que situa em campos antagônicos partes que deveriam pactuar uma convivência saudável, senão unida monoliticamente: autoridades do ensino, pais e dirigentes de escolas. Se não forem construídas, urgentemente, pontes para tal agregação, os principais interessados — os alunos — estarão submetidos a um processo educacional irremediavelmente comprometido.

A busca desse consenso deve ser perseguida, a partir da constatação segundo a qual vem desabando a qualidade de ensino, situação que se agrava, de ano para ano, sobretudo após as medidas econômicas que pegaram as escolas no contrapé. Hoje, a excelência da educação particular é apenas uma ponta de saudade, ou objeto de retórica. Até mesmo as pequenas e médias escolas, voltadas para práticas educacionais centradas exclusivamente no aluno, já não nutrem muitas preocupações nesse sentido.

Ao revés, mprensadas por dificuldades de caixa atormentadas pelos gerentes dos bancos da esquina, as escolas se desviaram da rota dos êxitos pedagógicos. Começaram a se despir de todos os instrumentos que as qualificavam e seguramente a situavam, hierarquicamente, em plano superior ao combalido ensino oficial. A desastrosa consequência já se faz sentir ao descortinar-se a

torturante pálida cena da sala de aula: quadro, giz e cuspe.

Às favas com as idéias *montessorianas*. Que Piaget fique entrincheirado nas entrelinhas dos compêndios. As importantes sentenças determinadas pelos perplexos dirigentes de escolas repousam em torno de soluções que desatem os nós das contabilidades, de coloração avermelhada, das entidades mantenedoras. E emerge como figura de destaque, a do contador — mágica personalidade do atual confuso mundo escolar.

A falta de criatividade dos dirigentes norteou-os para situações *pirandelianas*. Assemblam-se aos pilotos que, diante da ameaça da queda dos aviões, livram-se da carga, atirando-a aos ares para reduzir o peso das aeronaves, esquecendo-se de que, daqui a pouco, ela será rigorosamente necessária para a sobrevivência da população. Nas escolas, a situação é idêntica: desativam-se os laboratórios, por dispêndiosos, mingua-se a biblioteca. A pesquisa está proscrita.

Na sombria radiografia do ensino particular, detecta-se que os melhores professores estão bandeando para outras atividades. Há um número grande de professoras que são vistas, hoje, por trás dos balcões de bancos e butiques, cujos salários são muito mais compensadores. Coordenadores pedagógicos, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais altamente necessários ao acompanhamento educacional têm seus serviços dispensados, por medida de economia.

A consequência é melancólica e desagradável numa só direção — o aluno. Se ele já vinha prejudicado pelas loucuras robustecidas durante o processo de massificação do ensino (os últimos vinte anos, no mínimo), agora — em face da delicada situação das escolas — sua formação enferma tende a agravar-se. Irremediavelmente.

Ao cabo de mais um ano letivo, descolorido por certo, nenhum prenúncio mais sério pode ser feito em relação a 1988, no mundo do ensino. Despido de esperanças maiores, ele pode ser a contrafação barata e piorada do que foi 87, melancolicamente. A menos que os órgãos de educação encontrem rotas por onde circulem novas idéias, carregadas, naturalmente, por novos recursos.

E de onde virão esses recursos?

Certamente, do bolso dos pais, únicos geradores de receita dos colégios. Se tal não ocorrer, eis a camisa-de-força apertando mais as empresas educacionais, arrastando-as por descaminhos pelos quais a ninguém interessa trafegar.

O fato é que a perturbada comunidade do ensino está acossada por arranhaduras em fase de infecção por falta de tratamento adequado. E, em consequência, as prospecções projetam-se cruciais para o próprio país, a partir da determinante óbvia de que a criança de hoje é o homem de amanhã. Isso tudo, sem diagnosticar-se a situação emocional dos educadores mais responsáveis. Eles estão com vergonha de seu ofício.

Teixeira Heizer é jornalista e diretor do Instituto São Marcos, em Niterói.